

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Globo Class.: Constituições/Revisão
 Data 04/07/93 Pg.: 7 - Opinião

08

JOÃO UBALDO RIBEIRO

A respeito dos índios brasileiros, duas noções, para perplexidade minha, continuam politicamente corretas. A primeira é um preconceito às avessas, ou seja, um preconceito positivo. O índio é um puro, não mente, não agride a Natureza, não tem ambições etc. Já ouvi isso de gente que nunca viu um índio, exceto em fotografias, e de gente que conviveu com eles algum tempo. Desconheço que fundamento há nessa convicção, até porque as evidências indicam o oposto, a não ser para um ou outro deslumbrado que, depois de passar duas semanas filmando na selva, acha que conhece uma realidade em que mal roçou.

Se os índios fossem imunes aos defeitos humanos, não seriam humanos, é claro. Como são, estão sujeitos às mesmíssimas deformações de caráter ou personalidade a que estamos nós todos. Apenas, vivendo em sociedades primitivas, não são expostos às pressões sofridas pelos civilizados. (Um radical diria "assim chamados civilizados", como se mosquitos, desconforto e comida mefítica fossem preferíveis a ar-condicionado, banheiros decentes e almoços em que o drinque não resultasse da mastigação de alguma raiz posteriormente cuspidas pelas mulheres da tribo.) Ou seja, a pureza vem do atraso. Só se preocupam em produzir o suficiente para cada dia porque têm uma economia primitiva, onde a noção de armazenamento de valor praticamente não existe, não porque a ambição seja um sentimento que não

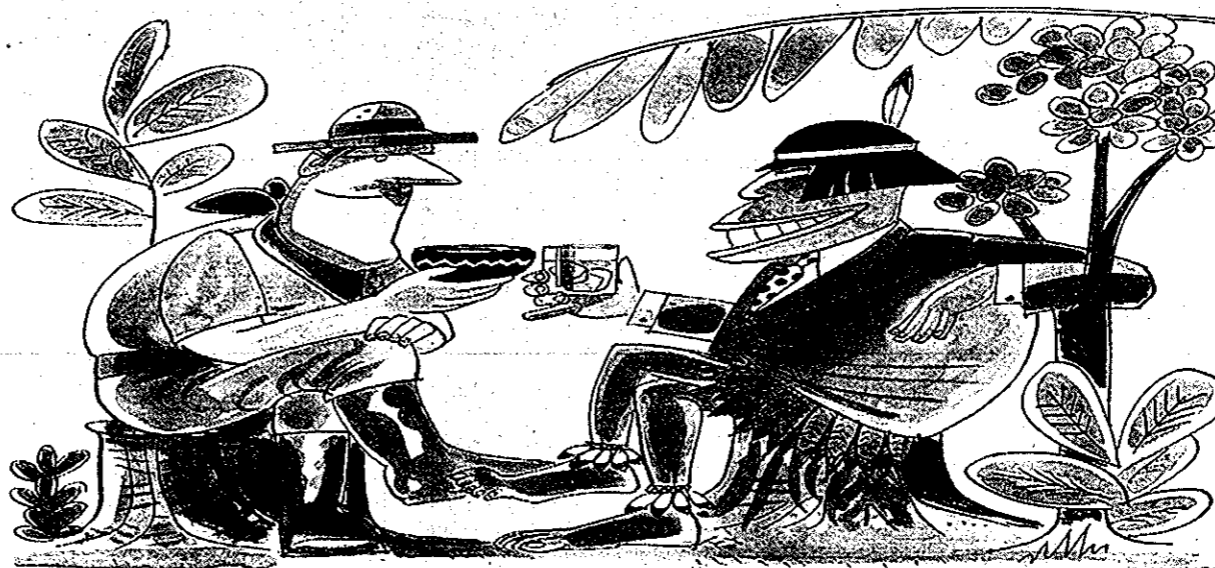
possa atingi-los.

Para inteirar-se das evidências, basta ler os jornais. A todo instante há denúncias de agressões ao meio ambiente levadas a cabo por índios, inclusive desmatamento em grande escala. Certos grupos se tornaram milionários e, embora não queiram abdicar de alguns privilégios derivados de sua condição de índios, usufruem tudo a que têm direito, desde vinho, mulheres e música a aviões particulares, carros de último tipo e fazendas prósperas. Quanto a muitos que ainda vivem em estado selvagem, não se pode dizer que sejam exemplo de comportamento que desejemos seguir. Os ianomâmis, para citar um caso, são violentos e, volta e meia, caem de pau uns nos outros, matando, seqüestrando e mutilando.

Ainda ignorando as evidências, atos de hostilidade de brancos contra índios são vistos como manifestação de racismo. Racismo, se houver, é acessório, instrumento de racionalização. Na verdade, o problema é econômico, questões de terras, de garimpo. Constituinte obstáculo para empreendimentos nessas e em outras áreas, os índios são combatidos pelos interessados. Se não fosse isso, provavelmente ninguém os hostilizaria. Mas não há romantismo em constatação tão prática, de forma que a crença no racismo permaneça.

Acho que ninguém, em sã consciência, gosta de saber que culturas primitivas mas culturas, foram, estão sendo e serão extintas. Mas esta, infelizmente, é a história da Humanidade. Não se pode fazer nada para evitar que as culturas tecnologicamente superiores dominem as inferiores. E, na verdade, os índios em

Índio quer apito



contato com a civilização muitas vezes não querem de fato preservar sua cultura. Querem freqüentemente conservar dela o que lhes convém e auferir da outra o que lhes interessa. Isto, a longo prazo, não é possível, não porque se queira, mas porque não acontece assim, nunca aconteceu e nenhum pensamento voluntarista fará com que aconteça. Talvez, embalsamadas em fitas magnéticas e transcrições fonéticas, apenas sobrevivam as línguas que agora começam a perder-se. Como as línguas são sempre o reflexo de maneiras de ver o mundo, dir-se-ia que essas culturas ainda deram sorte (e nós também, pelo que poderemos aprender), porque, antes, as culturas ditas ágra-

fas raramente tinham essa possibilidade.

A segunda noção politicamente correta é a de que nós fomos, não descobertos, mas invadidos por Portugal. Nós quem? Acho que não tenho um só amigo ou conhecido que não seja descendente dos invasores, dos negros escravizados ou dos imigrantes, ou tudo isso junto. Em outros países da América Latina, onde a população nativa é muito grande ou majoritária, o raciocínio pode estar correto, mas aqui não. Eu não posso — nem o leitor, a não ser que se chame Popokantán ou porte um canzeiro no lábio inferior — sentir-me invadido. Portugal não só descobriu, como inventou o Brasil. Os silvícolas que, com suas vergonhas à

mostra, receberam Cabral não sabiam geografia, não conheciam o conceito de Estado ou nação e, na verdade, não faziam a mais vaga idéia de onde estavam — estavam "aqui" ou "ali". O expansionismo europeu ocupou isto aqui, tomou conta e fez o que somos hoje. A terceira "raça triste" tem muito pouco a ver com nossa história como nação. Portanto, especular sobre como estaríamos, na hipótese absurda de não haver sido descobertos, é uma perfeita palermice. Nós não estaríamos. Eu provavelmente estaria em Portugal, Antônio Pitanga na África e Oscar do basquete na Alemanha. Aqui estariam, besuntando-se de jenipapo e ainda com as vergonhas à mostra, os descendentes dos

que cá se encontravam em 1500.

Tudo isso não teria importância, a não ser pela irritação que causamos que pensamos com alguma objetividade, se não tivesse efeitos sobre a opinião pública, que talvez, assim, seja levada a apoiar causas na verdade suspeitas. Os Estados Unidos mataram seus índios de todas as formas, num festival genocida que envolveu até cobertores infectados, e depois degredaram os sobreviventes para reservas em terras semidesérticas. Hoje em dia, santimonialmente, vivem ditando regras a países como o nosso, como no caso das terras dos ianomâmis. O "modo de vida" desses índios exige, para alguns milhares de pessoas, um território maior que o de Portugal. Se é assim, por que também não se defende o modo de vida dos negros baianos adeptos do candomblé, que não podem realizar alguns rituais da forma tradicional porque têm obrigações profissionais e não dispõem mais do tempo livre necessário? Tudo muda neste mundo, até os ianomâmis, como verificará qualquer um que dê um facão ou um rádio a um deles.

Agora os americanos fazem manobras militares lá por perto. Quem duvida que um dia destes ocupem a área, para garantir a sobrevivência física e cultural de um povo ameaçado? Autodeterminação dos povos, minorias étnicas, essas coisas. Como os curdos no Iraque, ou os macêdonios na ex-Iugoslávia. E quem duvida que a ação iria receber apoio de alguns brasileiros, aceitando ferozmente esses e outros argumentos? Por isso achei de dar minha contribuição ao debate, lembrando que índio, como todos nós, quer apito.